

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES

ÁREA CIÊNCIAS DA VIDA

CURSO DE PSICOLOGIA

**A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA EM WINNICOTT: SEUS SENTIDOS E
DESDOBRAMENTOS CLÍNICOS**

Bruno Bestetti Bohrer

Lajeado/RS, novembro de 2023

Bruno Bestetti Bohrer

**A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA EM WINNICOTT: SEUS SENTIDOS E
DESDOBRAMENTOS CLÍNICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Psicologia, na Universidade do Vale do Taquari – Univates, como exigência para aprovação no curso.

Orientadora: Profa. Ma. Elisângela Mara Zanelatto

Lajeado/RS, novembro de 2023

Bruno Bestetti Bohrer

**A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA EM WINNICOTT: SEUS SENTIDOS E
DESDOBRAMENTOS CLÍNICOS**

A Banca examinadora abaixo aprova o Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Psicologia, na Universidade do Vale do Taquari – Univates, como exigência para aprovação no curso.

Profa. Ma. Elisângela Mara Zanelatto - orientadora
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Profa. Ma. Denise Fabiane Polonio
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Ma. Bernardete Pretto

Lajeado/RS, 27 de novembro de 2023

LISTA DE QUADROS

Quadro - Materiais sobre Experiência nas obras de Winnicott.....	8
--	---

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 METODOLOGIA.....	6
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	9
3.1 Busca pela experiência vivida e/ou a ser vivida.....	9
3.2 A temporalidade real da experiência humana.....	12
3.3 A experiência sob o ponto de vista do bebê e do verdadeiro e falso self.....	15
3.4 Uma clínica da experiência.....	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA EM WINNICOTT: SEUS SENTIDOS E DESDOBRAMENTOS CLÍNICOS

Resumo: Muitos comentadores consideram Winnicott como um autor que opera uma verdadeira revolução paradigmática dentro da Psicanálise e que a maneira como pensa a noção de experiência constitui uma de suas principais marcas distintivas. Assim, este artigo buscou compreender a noção de experiência no pensamento winnicottiano, seus sentidos e desdobramentos clínicos, através de revisão bibliográfica na plataforma SciELO e Periódico CAPES, a partir dos descritores “Winnicott” e “experiência”. Da análise dos conteúdos selecionados emergiram as seguintes categorias: Busca pela experiência vivida e/ou a ser vivida; A temporalidade real da experiência humana; A experiência sob o ponto de vista do bebê e do verdadeiro e falso self; e Uma clínica da experiência.

Palavras-chave: Winnicott; experiência; psicanálise; clínica.

1 INTRODUÇÃO

Muitos comentadores consideram Winnicott como um autor que opera uma verdadeira revolução paradigmática dentro da Psicanálise, diferenciando-se de pensadores como Freud e Melanie Klein e inaugurando novos modos de compreensão do ser humano, bem como da etiologia de quadros clínicos tradicionais (Loparic, 2006). Tais mudanças, destacam os pesquisadores, produziram importantes desdobramentos clínicos capazes de solucionar impasses históricos dessa ciência, como a prevenção e tratamento das psicoses, bem como das tendências anti sociais (Fulgêncio, 2008; Loparic, 2006). Nesse sentido, Winnicott não estaria apenas adicionando certas contribuições ao edifício teórico da psicanálise, mas propondo modificações capazes de alterar esse edifício em seus fundamentos (Naffah Neto, 2005).

Sobre essa inovação, os comentadores destacam estar justamente no modo como Winnicott emprega a noção de experiência, uma de suas principais marcas distintivas, contribuindo para seu “modo pessoal de pensar e de enunciar a psicanálise” (Ab’Sáber, 2021, p. 9). Nesse sentido, ao focar a experiência, Winnicott abre novos caminhos para se pensar temas muito importantes à psicanálise, como o surgimento do eu, as origens das psicopatologias, bem como seu tratamento (Ab’Sáber, 2021; Naffah Neto, 2005).

Nesse sentido, o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso se justifica pela relevância que o pensamento e clínica winnicottianos possuem para a compreensão e tratamento de quadros clínicos difíceis, que demandam um profundo entendimento de suas causas para que possam receber manejos adequados. Pessoalmente, o estudo do pensamento winnicottiano vai ao encontro de meu anseio em ser verdadeiramente útil aos pacientes que encontrarei ao longo das próximas décadas de atuação profissional.

Assim, é nesse contexto que reside este Trabalho de Conclusão de Curso, buscando compreender a noção de experiência no pensamento winnicottiano, seus sentidos e reverberações clínicas, aspirando contribuir para os atuais debates da psicanálise, assim como clarificar o horizonte de atuação terapêutica frente a modos bastante complexos de adoecimento humano. Mais precisamente, este trabalho, a partir do estudo de comentadores de

Winnicott, tem como objetivo geral compreender a noção de experiência no pensamento e clínica do autor.

2 METODOLOGIA

O estudo se caracteriza como uma pesquisa do tipo qualitativa que, segundo Soares (2019, p. 169), expressa-se “pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa”.

Especificamente nas pesquisas em psicologia clínica, destaca Pinto (2004, p. 74) que a metodologia qualitativa “considera a ciência como uma construção da subjetividade humana, em uma forma particular e dentro de um determinado sistema teórico”. Assim, assinala a autora que a abordagem qualitativa, nesse campo de conhecimento, deve considerar “também que essa forma de fazer ciência apresenta uma epistemologia específica, na qual a investigação é construída dentro do fenômeno estudado” (Pinto, 2004, p. 74).

Quanto ao método, trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura, realizada em diferentes tipos de documentos, como artigos científicos e livros. Conforme explicam Canuto e Oliveira (2020) a revisão bibliográfica se caracteriza pelo uso e análise de documentos de domínio científico, tais como livros, teses, dissertações e artigos científicos, sem recorrer diretamente aos fatos empíricos. Portanto, a pesquisa bibliográfica utiliza-se de fontes secundárias, ou seja, das contribuições de autores sobre determinado tema, o que a diferencia da pesquisa do tipo documental, que se caracteriza pelo uso de fontes primárias, as quais ainda não receberam tratamento científico (Canuto; Oliveira, 2020).

Nesse sentido, foram realizadas buscas em plataformas como SciELO - Scientific Electronic Library Online e Portal de Periódicos da CAPES, somente em português e sem delimitação quanto ao ano de publicação, de títulos que continham os descritores “Winnicott” e “Experiência” em conjunto. Dessa busca, resultaram os seguintes materiais:

Quadro - Materiais sobre Experiência nas obras de Winnicott

Título	Autor	Ano	Documento
Winnicott: experiência e paradoxo.	AB'SÁBER, Tales.	2021	Livro
A importância da noção de experiência no pensamento de DW Winnicott .	FULGENCIO, Leopoldo.	2011	Artigo
Winnicott: uma psicanálise da experiência humana em seu devir próprio.	NAFFAH NETO, Alfredo.	2005	Artigo

A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise.	NAFFAH NETO, Alfredo.	2007	Artigo
---	-----------------------	------	--------

Fonte: dos autores, 2023.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo de acordo com Bardin (1977). Seguindo as orientações da autora a análise de dados foi organizada em três etapas, sendo a primeira de pré-análise, que permitiu construir o *corpus* da pesquisa. Segundo a autora, “o *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 1977, p. 96). Nesta primeira fase, foi realizada uma leitura flutuante dos materiais selecionados, com o intuito de escolher os documentos analisados nas etapas seguintes (Bardin, 1977).

Na etapa seguinte, o material selecionado foi explorado através das etapas de codificação e categorização (Bardin, 1977). Na codificação, foi feito o recorte das unidades de registro, que foram as reflexões sobre a noção de experiência no pensamento winnicottiano (Bardin, 1977). Depois da codificação, foi feita a categorização, que seguiu alguns dos seguintes critérios: semântico, sintático, léxico ou expressivo (Bardin, 1977).

A etapa final foi composta pelo tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. A interpretação dos resultados obtidos foi feita por meio de inferência, que é um tipo de interpretação controlada (Bardin, 1977).

Após a realização de todas as etapas anteriores, foram construídas quatro categorias temáticas com as informações que emergiram: *Busca pela experiência vivida e/ou a ser vivida*; *A temporalidade real da experiência humana*; *A experiência sob o ponto de vista do bebê e do verdadeiro e falso self*; e *Uma clínica da experiência*. Tais categorias são explicadas e comentadas a seguir.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Da leitura dos textos selecionados foram construídas quatro categorias, que correspondem às principais reflexões de cada comentador acerca da relação de Winnicott com a noção de experiência ao longo de sua obra. Assim, serão apresentadas as diversas nuances de interpretação da obra winnicottiana na relação com a noção de experiência, conforme cada pesquisador, verificando-se aproximações e distanciamentos entre eles por meio de suas pesquisas. Dito isso, passa-se a apresentar as reflexões dos comentadores reunidas nas categorias mencionadas.

3.1 Busca pela experiência vivida e/ou a ser vivida

Fulgêncio (2011, p. 59), em seu artigo *A importância da noção de experiência no pensamento de D. W. Winnicott*, defende que o psicanalista inglês propõe “um tipo de teoria que tem uma ontologia e um conjunto de conceitos de natureza epistemológica diferentes daquela utilizada pela psicanálise freudiana ou tradicional”. Reflete o pesquisador que, enquanto Freud cria alguns de seus conceitos através de uma metapsicologia especulativa, isto é, composta por construtos puramente teóricos e não passíveis de experiência, Winnicott estabelece suas noções buscando descrever experiências efetivamente vivenciadas pelos seres-humanos e observadas na clínica, descrevendo conceitos que primam pela experiência vivida e/ou a ser vivida, jamais se distanciando da relação factual indivíduo-ambiente (Fulgêncio, 2011).

Em vista dessa diferenciação epistemológica operada por Winnicott, marcada pelo abandono da metapsicologia especulativa presente na psicanálise tradicional e acerca de seus efeitos sobre alguns conceitos tradicionais do campo psicanalítico, sublinha Fulgêncio ser, portanto, “justificável conceitual e textualmente afirmar que Winnicott abandonou os conceitos de pulsão, aparelho psíquico e libido, que estão respectivamente na base dos três pontos de vista que caracterizam a metapsicologia freudiana” (Fulgêncio, 2011, p. 59).

Para chegar nessa afirmação, no sentido de que Winnicott rejeitaria certas ficções freudianas, atendo-se a descrições de experiências efetivamente vividas, Fulgêncio percorre um trajeto argumentativo que envolve as reflexões do filósofo existencialista Martin Heidegger, buscando responder à seguinte pergunta: “Qual é ou como seria uma psicologia científica construída sob as bases da analítica existencial de Heidegger?” (Fulgêncio, 2011, p. 57). Dito de outro modo, interessa ao pesquisador responder, por meio de seu estudo, se “haveria, no campo da psicologia científica, uma proposta psicoterápica que esteja construída de acordo com as exigências da não objetificação e do não determinismo naturalista para pensar e tratar o ser humano” (Fulgêncio, 2011, p. 57).

Iniciando sua argumentação, Fulgêncio (2011) comenta que, para Heidegger, a metapsicologia freudiana é uma transferência da filosofia natural neokantiana para o homem, que utiliza as ciências naturais, por um lado, e a teoria da objetividade de Kant, por outro. Trazendo os ensinamentos de Loparic sobre o modo pelo qual Heidegger organiza suas críticas à psicanálise freudiana, destaca Fulgêncio:

A crítica de Heidegger à teoria psicanalítica freudiana se dá em dois passos. A metapsicologia é inaceitável porque transfere ao estudo do homem, primeiro, a teoria kantiana da objetividade e, segundo, o paradigma das ciências da natureza. Devido ao primeiro passo, Freud trabalha com uma inaceitável objetificação da historicidade do homem. Isto significa que ele vê o homem como algo meramente presente no mundo, ou seja, como apenas outro exemplo a mais de realidade efetiva. Em virtude do segundo passo, Freud naturaliza o homem como um processo causal. Tanto os

fenômenos normais quanto os patológicos são vistos como resultados produzidos por impulsos e forças hipotéticas majoritariamente inconscientes. A ‘história psicanalítica de uma vida humana’, por exemplo, não é de modo algum uma história, mas uma ‘cadeia causal natural, uma cadeia de causas e efeitos, e ainda por cima uma cadeia construída’ (Loparic *apud* Fulgêncio, 2011, p. 58).

Para Fulgêncio (2011), o kantismo de Freud é verificado pela natureza e função de sua teoria metapsicológica, construída dentro do programa transcendental de investigação da natureza do filósofo alemão. Além disso, explica o comentador que esse tipo de metapsicologia não pode explicar fenômenos clínicos acessíveis à experiência ou formar seus significados, possuindo como única função ajudar na organização dos fatos e permitir que sejam estruturados e relacionados (Fulgêncio, 2011). Assim, especulações metapsicológicas caracterizam-se como estruturas que combinam descrições e oferecem guias para busca ou observação de novas informações, não fornecendo explicações propriamente ditas, mas criando um quadro e uma direção para a busca de explicações factuais, ou seja, empíricas, dos fenômenos psicológicos (Fulgêncio, 2011).

Aludindo às reflexões de Loparic, destaca Fulgêncio (2011) que, enquanto a psicanálise tradicional examina a psique humana metapsicológicamente, isto é, através de especulações teóricas, como um aparelho movido por desejos direcionados a objetos em busca de satisfação, a investigação winnicottiana nunca se distancia da verdadeira relação indivíduo-ambiente, caracterizada pela tendência de amadurecimento do indivíduo e facilitada pelas condições ambientais. Por conta dessa diferença significativa, explica o comentador que, apesar de buscar preservar ao máximo a velha teoria, bem como sua eficácia clínica, Winnicott acaba reinterpretando os conceitos de pulsão, aparelho psíquico, inconsciente, entre outros, transferindo-os, assim, para sua linguagem experiencial, isto é, essencialmente descritiva (Fulgêncio, 2011).

Mencionando trecho de seu artigo intitulado *Winnicott e uma psicanálise sem metapsicologia*, onde elabora mais profundamente a episteme winnicottiana, discorre Fulgêncio acerca da rejeição dos principais conceitos da metapsicologia freudiana:

Parece, pois, justificável conceitual e textualmente afirmar que Winnicott abandonou os conceitos de pulsão (Trieb), aparelho psíquico e libido, que estão respectivamente na base dos três pontos de vista que caracterizam a metapsicologia freudiana, propondo um tipo de teoria que tem uma ontologia e um conjunto de conceitos de natureza epistemológica diferentes daquela utilizada pela psicanálise freudiana ou tradicional. Não se trata, para Winnicott, de substituir a metapsicologia, a bruxa freudiana, por outra, mas de propor uma teoria psicanalítica sem esse tipo de especulação ou de feitiçaria (Fulgêncio *apud* Fulgêncio, 2011, p. 59).

Diante disso, defende Fulgêncio que Winnicott, em primeiro lugar, deixa de especular com base em um modelo naturalista, que caracteriza o homem como um aparelho movido por forças e energias, para, em seguida, desenvolver sua teoria e prática psicanalítica, sempre

atreladas à experiência (Fulgêncio, 2011).

Retomando a questão central do artigo, no sentido de analisar se “a analítica existencial de Heidegger é uma referência filosófica adequada ao tipo de ciência empírica proposta por Winnicott”, defende Fulgêncio (2011, p. 60) existir um conjunto de referências suficientes para sustentar uma resposta afirmativa. Sublinha o pesquisador que a psicanálise de Winnicott teria o objetivo de fazer, como o próprio psicanalista postulava, um “estudo objetivo da natureza humana”, sem no entanto objetificar o homem nem pensá-lo como determinado pelas mesmas leis causais que governam a natureza (Fulgêncio, 2011, p. 60).

Nessa linha de raciocínio, a proposta heideggeriana para a ciência do homem, sendo esta nem objetificante nem determinística, mas sim, possuidora de valores eminentemente práticos e éticos, como a saúde e a capacidade de alguém responsabilizar-se pelos seus próprios modos de ser, estaria ela profundamente alinhada ao pensamento winnicottiano. O que pode ser observado nas próprias palavras do psicanalista referidas pelo comentador:

A vida de um indivíduo não se caracteriza mais por medos, sentimentos conflitantes, dúvidas, frustrações do que por seus aspectos positivos. O essencial é que o homem ou a mulher se sintam vivendo sua própria vida, responsabilizando-se por suas ações ou inações, sentindo-se capazes de atribuírem a si o mérito de um sucesso ou a responsabilidade de um fracasso. Pode-se dizer, em suma, que o indivíduo saiu da dependência para entrar na independência ou autonomia (Winnicott *apud* Fulgêncio, 2011, p. 59).

Nesse sentido, sublinha Fulgêncio (2011) que a psicanálise winnicottiana não utiliza os princípios freudianos da realidade e do prazer como critérios de verificação de saúde de um indivíduo, onde este se ajusta ao mundo externo ou se lhe é agradável. Mas sim, preconiza a experiência individual de valer ou não a pena viver, independente do que isso possa a ele custar.

Tendo em conta estes resultados e concordando com outros estudiosos do tema, Fulgêncio (2011) conclui que as mudanças propostas por Winnicott transformaram estruturalmente a psicanálise e conferiram-lhe um lugar epistemológico diferente daquele dado por Freud. Nesse sentido, ao retirar a psicanálise de seu arcabouço naturalista, Winnicott a situa em novo paradigma, como uma ciência que não objetiva o homem nem o reduz a uma série de determinações causais naturais.

3.2 A temporalidade real da experiência humana

Um outro modo de evidenciar a importância que o pensamento winnicottiano deposita na noção de experiência e que constitui seu “modo pessoal de pensar e de enunciar a psicanálise”, é oferecido pelo filósofo e psicanalista Tales Ab’Sáber (2021, p. 9) em seu livro

intitulado *Winnicott Experiência e Paradoxo*. Dadas as limitações deste artigo, não serão trabalhados todos os capítulos do livro, mas apenas o I, denominado *Tempo, tempo, tempo, tempo*, que apresenta interessante introdução aos tópicos aprofundados nos demais capítulos, assim como auxilia a compreender o modo pelo qual Winnicott pensa a noção de experiência ao longo de sua obra. Nesse trecho de seu livro, o comentador demonstra o apreço de Winnicott pela articulação entre as noções de tempo e experiência, expondo que o psicanalista inglês utiliza uma “noção bastante viva e radical do tempo e da temporalidade, de um tempo vivido, de um tempo de atravessamento vivo da experiência humana” (Ab’Sáber, 2021, p. 11).

O pesquisador elabora todo seu raciocínio a partir de um escrito de Winnicott, “apresentado em momento já avançado de sua vida e obra”, onde o psicanalista enuncia, “de forma sintética e bem clara, um breve esquema que falava muito de sua forma de compreender algumas questões psicanalíticas fundamentais” (Ab’Sáber, 2021, p. 09). Analisando o excerto, Ab’sáber (2021) clarifica o modo como Winnicott faz uso da temporalidade real da experiência humana, através da qual: A) explica o surgimento de formas psíquicas desde as fases iniciais da vida, inclusive reconhecendo a existência da experiência de loucura já nos bebês; B) aproxima-se de seus pacientes, compreendendo-os melhor a partir de sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo; e, por fim, D) oferece outra solução para a ideia de pulsão de morte, defendendo a sua existência como fruto e resultado de uma história, ao invés de constituir uma força inata, como supunha Freud e seus seguidores.

A passagem de Winnicott apresentada logo no início do capítulo e que orienta a análise do comentador é a seguinte:

Vale a pena tentar formular isso em termos que deem o devido valor ao fator temporal. A sensação da existência materna dura x minutos. Se a mãe está longe há mais de x minutos, então a *imago* se desvanece e, com ela, cessa a capacidade do bebê de usar o símbolo da união. O bebê fica angustiado, mas essa angústia logo é *reparada*, já que a mãe retorna em $x + y$ minutos. Em $x + y$ minutos, o bebê não sofreu alteração. Mas em $x + y + z$ minutos ele fica *traumatizado*. Em $x + y + z$ minutos, o retorno da mãe não repara o estado alterado do bebê. O trauma implica que ele sofreu uma interrupção na continuidade da vida, de maneira que as defesas primárias se organizam agora para defendê-lo contra a repetição de uma “ansiedade impensável” ou do retorno de um estado agudo de confusão pertencente à desintegração da estrutura nascente do ego. Devemos presumir que a grande maioria dos bebês jamais vivencia uma quantidade de privação $x + y + z$. Isso significa que a maioria das crianças não carrega consigo por toda a vida o conhecimento da experiência da loucura (Winnicott *apud* Ab’Sáber, 2021, p. 09).

Segundo Ab’Sáber (2021), essa passagem demonstra o quanto Winnicott inova junto à psicanálise ao considerar a experiência real no tempo desde os primórdios da vida. Nas palavras do comentador:

[...] há o uso da temporalidade real da experiência humana – uma passagem pelos tempos que vai implicar as marcações simbólicas de cada indivíduo –, que está em jogo desde o princípio de uma vida e que não é nada comum na tradição psicanalítica

mais geral (Ab'Sáber, 2021, p. 11).

Através desse olhar, Winnicott estabelece seu modelo de desenvolvimento humano, assim como da psicopatologia, identificando, de modo muito singular em comparação a outras visões psicanalíticas, já muito precocemente no bebê a experiência da loucura, presente já nas origens de seu desenvolvimento (Ab'Sáber, 2021). Nesse sentido, as formas psíquicas originárias estariam inscritas dentro de uma temporalidade vivida da experiência humana, de um tempo que de fato existiu, desde a origem (Ab'Sáber, 2021).

Destaca o comentador que esse entendimento de que as coisas humanas acontecem no tempo e através do tempo, e de que esse próprio tempo conta como parte do acontecimento em si, pode ser verificado ao longo de toda a história de psicanalista de Winnicott:

Desde as primeiras experiências clínicas com crianças nos anos 1920 e 1930, quando ele as deixava se esclarecerem a si próprias através do tempo junto à sua presença, até a temporalidade viva do que chamou de completar uma experiência em seus estudos da observação do uso pelos bebês dos objetos que lhes interessavam – como a espátula que ele lhes oferecia para que devorassem, enquanto os acompanhava em sua experiência dela, bem como observava o uso que o bebê fazia da relação com a mãe ou com o analista. A primazia do tempo na experiência humana figura, enfim, em sua noção da articulação e integração do corpo e do espírito do bebê, também acontecimentos no tempo e do tempo, dos processos originários que ele chamou de seu desenvolvimento emocional primitivo (Ab'Sáber, 2021, p. 12).

Explica o autor que “a ideia basicamente temporal de continuidade, com uma completude simbólica relativa que se daria em certo ponto da integração da experiência, em muitos níveis e em formas diferentes ao longo da vida, foi uma constante do seu modo de se aproximar dos pacientes” (Ab'Sáber, 2021, p. 12). Nesse sentido, aponta Ab'Sáber (2021) para uma compreensão winnicottiana de que as dificuldades e experiências de sofrimento de um indivíduo, bem como seus sintomas, estariam sempre em relação à sua continuidade, sendo este um processo unificado no tempo, a ser reconhecido e vivido na clínica.

É por isso, segundo Ab'Sáber (2021, p. 13), que as noções winnicottianas de objeto e fenômeno transicional, constituem “uma experimentação que configura mesmo uma passagem pelo tempo, ou até mesmo, para sermos mais precisos, várias passagens pelo tempo”. Tais passagens pelo tempo, destaca o autor, exprimem-se nas diversas brincadeiras e nos usos concebidos para um objeto sempre reinventado, vivido novamente, até que esse objeto especial chegue um dia a passar, perdendo a importância emocional que tivera para a criança (Ab'Sáber, 2021). Assim, o objeto transicional envolve uma encarnação no tempo, uma passagem que será definidora da natureza e do colorido do campo simbólico singular de uma pessoa, daquilo que podemos chamar de experiência (Ab'Sáber, 2021).

Em vista disso, expõe o pesquisador que Winnicott acabou apresentando uma

proposição bastante incomum no contexto do discurso psicanalítico vigente: “a bonita ideia da própria fruição do tempo, da apreciação do tempo, como força constitutiva do eu e do senso de realidade da criança” (Ab’Sáber, 2021, p. 13). Diante disso, conclui o comentador que:

Winnicott seria, assim, um dos poucos analistas em cuja obra teórica haveria um verdadeiro lugar para a noção de experiência, uma produtividade humana que, de qualquer modo que a pensemos, implica uma jornada pelo tempo. Se pudéssemos dar outro nome aos famosos objetos transicionais, poderia ser objetos de experiência e tudo o que a experiência pode envolver ao longo da relação com um objeto (Ab’Sáber, 2021, p. 13).

Finalizando o capítulo, Ab’saber (2021) aborda a intervenção winnicottiana em um intrincado campo de problemas teóricos da história da psicanálise: o campo do originário, do masoquismo primário e daquilo que Freud chamou, em um esforço teórico no início dos anos 1920, de compulsão à repetição do sofrimento, associada à sua ideia de pulsão de morte.

Nesse contexto, ressalta o comentador (Ab’saber, 2021) que Winnicott, a partir de seu olhar inovador, oferece outra solução para a ideia de pulsão de morte, tão presente na tradição psicanalítica que o antecedeu. Nesse sentido, o sofrimento repetitivo ao qual estariam aderidos os pacientes freudianos, manifestando-se como verdadeiras compulsões à repetição da dor e do sofrimento, encarados pelo fundador da psicanálise como derivativos de um masoquismo primário do ego e de uma pulsão destrutiva inata, de retorno ao inanimado e à morte, seria compreendido por Winnicott como resultado de uma experiência traumática, ocorrida no tempo e em uma relação (Ab’saber, 2021).

Assim, segundo o pesquisador, Winnicott aponta para experiências de confusão incompreensíveis, vivenciadas por bebês em tenra idade, advindas de falhas ambientais e que eliciam defesas muito primitivas, ocasionando uma espécie de adiamento das agonias não vivenciadas, que retornam mais tarde no adulto como um apego compulsivo ao sofrimento (Ab’saber, 2021).

3.3 A experiência sob o ponto de vista do bebê e do verdadeiro e falso self

Outras duas vias utilizadas por Winnicott para “erigir o conceito de experiência como a noção central do seu pensamento” são apresentadas por Naffah Neto (2007, p. 229) em seu artigo intitulado *A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise*. Tais vias dizem respeito, em primeiro lugar, ao esforço do psicanalista inglês em assumir o ponto de vista do bebê de forma radical na construção de seu pensamento e, em seguida, à sua constatação acerca da existência de psiquismos verdadeiros e falsos, verificados através de experiências relatadas por pacientes regressivos. Em outras palavras, Winnicott irá enfatizar a experiência do bebê, tomando-a sob seu próprio

ponto de vista, bem como a experiência psíquica de verdadeiros e falsos *selves*, a partir do relato de pacientes já adultos, porém, em estados regressivos (Naffah Neto, 2007).

Abordando o primeiro tópico e citando texto de Winnicott, apresenta Naffah Neto o que seria a guinada fundamental do psicanalista para se interessar pelo ponto de vista do bebê, diferente daquele da mãe ou do observador externo:

Então, eu comecei a ver que aí se emprega uma concepção sofisticada da relação pais-infante, e que pode haver um ponto de vista infantil não-sofisticado, diferente daquele da mãe ou do observador externo, e que esse ponto de vista infantil pode ser examinado de forma proveitosa (Winnicott *apud* Naffah Neto, 2007, p. 227).

Exemplificando as diferenças que a adoção desse tipo de olhar opera em relação à psicanálise tradicional, compartilha Naffah Neto (2007, p. 228) situação em que “vemos um bebezinho sugando o dedo e inferimos que ele busca obter prazer por meio da alucinação do seio ausente da mãe, interpretando o acontecimento sob a ótica de um observador externo”. Nesse caso, argumenta o pesquisador, estaríamos interpretando “essa busca de prazer baseados no prazer que nós, adultos, podemos sentir ao sugar o dedo”. Segundo Naffah Neto (2007, p. 228) “esse tipo de teorização freudiana termodinâmica, ligada ao aumento e à diminuição do nível de excitação do organismo, e a própria definição de prazer e desprazer como seus corolários viria a posteriori, para dar forma a essa interpretação primeira”.

Por outro lado, explica o comentador que Winnicott, buscando compreender o acontecimento sob o ponto de vista do bebê, chegaria a um outro entendimento, propondo que “o bebê não suga o dedo em busca de prazer, mas sim em busca do corpo materno – e como substituição ao mesmo –, para prolongar o seu controle onipotente sobre o objeto, na tentativa de se reassegurar de que pode recriá-lo sempre que dele necessitar” (Naffah Neto, 2007, p. 228). Nesse sentido, conclui o pesquisador que o bebê suga o dedo para se sentir potente e confiante, ponderando que:

É evidente que alguma sensação prazerosa advirá desse ato, e ela será registrada e apropriada pelo *self*, vindo compor mais tarde – junto com outras lembranças prazerosas, capazes de produzir desejo – a sexualidade infantil. Entretanto, para Winnicott, nesse período, não é disso que se trata. São duas interpretações radicalmente diferentes, baseadas em pontos de vista igualmente diferentes (Naffah Neto, 2007, p. 228).

O pesquisador reconhece, entretanto, a validade de críticas acerca da falaciosidade desse tipo de raciocínio, uma vez que o ponto de vista do bebê, em si mesmo, seria inacessível para um adulto, somente podendo ser conjecturado de um ângulo diverso do infantil. Apesar do autor assumir a validade de tal argumentação, propõe que não seria o caso de se desprezar “a existência de um cuidado especial na consideração da forma singular de existência do bebê, culminando numa avaliação da perspectiva infantil como essencialmente distinta da do

adulto”, e que justamente seria essa sensível consideração por parte de Winnicott uma de suas vantagens frente ao olhar psicanalítico tradicional na compreensão dos fenômenos humanos (Naffah Neto, 2007, p. 228).

Ainda sobre esse tópico, o pesquisador pondera sobre o movimento inovador de Winnicott dentro da tradição psicanalítica:

Ainda assim, ao interpretar o bebê dessa forma, Winnicott não estava totalmente fora da tradição psicanalítica que o precedera, pois como ele mesmo diz, somente assumia, por um novo ângulo, aquilo que Fairbairn já propusera em 1941, ao pensar numa “busca do objeto”, em oposição à “busca de satisfação” proposta por Freud como meta pulsional. A diferença viria, efetivamente, do fato de Winnicott tentar assumir esse “ponto de vista do bebê” de forma radical, na construção de sua psicanálise (Naffah Neto, 2007, p. 228).

Diante disso, defende o comentador que é justamente por essa via que viria a erigir o conceito de experiência como a noção central do pensamento winnicottiano. Entretanto, conclui Naffah Neto (2007) que foram as análises de pacientes de tipo borderline que conduziram Winnicott à sua noção de experiência, como apresentado a seguir.

Seguindo sua argumentação acerca das vias de compreensão da noção de experiência na obra winnicottiana, destaca Naffah Neto (2007) a constatação por parte de Winnicott de certas experiências de verdadeiro e falso self, relatadas por pacientes já adultos ao longo de uma análise. Experiências de falsidade de si-mesmo, expõe o pesquisador, dizem respeito a tudo “aquilo que inúmeras análises evidenciam: que alguns pacientes sentem a sua vida psíquica como eminentemente falsa, o que quer dizer: destituída de vida emocional, de sentido de realidade, repleta de lacunas de memória” (Naffah Neto, 2007, p. 230). Em contraposição a um psiquismo verdadeiro, explica Naffah Neto (2007, p. 230), “um psiquismo falso é aquele que não se desdobra e não se acumula sob a forma de uma história de vida, resvalando sempre numa pré-história, num vazio, incapaz de encontrar sentido e realidade”.

Nesse sentido, o termo verdadeiro self, serviria de contraponto ao falso self, como descrito no parágrafo acima e, diante da existência de psiquismos verdadeiros e falsos, propõe o autor ser a noção de experiência justamente o critério que dá conta de diferenciar esses dois tipos de produção psíquica (Naffah Neto, 2007). Em sua argumentação acerca dessa proposição, apresenta Naffah Neto (2007) o próprio conceito de experiência descrito por Winnicott e que, conforme sublinha o pesquisador, acaba aparecendo de modo um tanto quanto marginal em sua obra, apesar de sua fundamental importância no pensamento do psicanalista.

Expõe o pesquisador que a definição da noção de experiência pode ser encontrada numa carta de Winnicott endereçada a Roger Money-Kyrle, em 1952, onde o psicanalista

descreve que “a experiência é um constante tráfegar na ilusão, a repetida consecução de um entrejogo, tendo de um lado a criatividade; do outro, o que o mundo tem a oferecer” (Winnicott *apud* Naffah Neto, 2007, p. 230).

Refletindo sobre essa passagem e articulando com outro conceito de grande importância na obra winnicottiana, propõe Naffah Neto (2007, p. 230) “que toda experiência se produz no espaço potencial”. Para clarificar essa afirmação, o pesquisador enumera algumas teses de Winnicott acerca do tema:

1. O lugar no qual a experiência cultural está alocada é o espaço potencial entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto). O mesmo se pode dizer do brincar. A experiência cultural começa com o viver criativo, manifesto no brincar.
2. Para cada indivíduo, o uso desse espaço é determinado pelas experiências de vida que acontecem nos estágios primeiros da existência individual.
3. Desde o início, o bebê tem experiências maximamente intensas no espaço potencial, entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre extensões do eu e o não-eu. Esse espaço potencial situa-se na interação lúdica entre o “não existir nada além de mim” e o “existir objetos e fenômenos fora do meu controle onipotente”.
4. Cada bebê tem aí a sua experiência própria, favorável ou desfavorável. A dependência é máxima. O espaço potencial acontece somente em relação ao sentimento de confiança por parte do bebê, quer dizer, confiança relacionada à condição de dependência da figura da mãe ou de elementos ambientais, a confiança sendo a evidência de que a condição de dependência está sendo introjetada (Naffah Neto, 2007, p. 230).

Comentando tais teses, declara Naffah Neto (2007, p. 231) que “estão expressos aí alguns dos pontos básicos da concepção winnicottiana que articula experiência e espaço potencial”. O primeiro deles, segundo o pesquisador:

[...] é que toda experiência é experiência cultural, na medida em que há um contínuo entre as primeiras experiências de amamentação – e os elementos lúdicos que a acompanham – e a aquisição posterior de toda a bagagem cultural, simbólica, com possíveis contribuições à transformação da mesma. A experiência cultural começa com o viver criativo, expresso no brincar e se aloca sempre no espaço potencial (Naffah Neto, 2007, p. 231).

Acerca da criação do espaço potencial, ensina Naffah Neto (2007, p. 231) que este surge como um intervalo entre “o objeto subjetivo e o objeto objetivo, entre a ilusão de onipotência de criação do objeto e a descoberta de um mundo real, preexistente, entre o controle onipotente do mundo e a descoberta da alteridade”. Desse modo, o espaço potencial corresponde a uma terceira zona, nem inteiramente subjetiva, nem inteiramente objetiva, caracterizando-se pela ludicidade presente nos fenômenos transicionais, responsáveis pela transição entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo (Naffah Neto, 2007).

Comentando a última tese e articulando-a com as noções winnicottianas de “mãe suficiente-boá”, “sentimento de confiança”, “dependência” e “brincar”, assevera o pesquisador:

[...] a criação e o funcionamento do espaço potencial significam a possibilidade (ou

não) de a experiência acontecer e se desdobrar ao longo do tempo, formando uma história de vida e que isso depende de uma mãe suficientemente-bom, capaz de produzir sentimento de confiança no bebê, levando-o a introjetar a condição de dependência e a confiar no mundo, de forma a poder brincar sem se sentir ameaçado. Quando o ambiente não é suficientemente bom, um espaço potencial não pode se formar, o que significa dizer que o bebê fica impossibilitado de desenvolver a sua capacidade de brincar e de experienciar” (Naffah Neto, 2007, p. 232).

Acerca do surgimento do falso self, esclarece o comentador (Naffah Neto, 2007) que sempre que o ambiente do bebê apresentar-se como excessivo ou faltante frente às suas necessidades e sempre que esses desequilíbrios ultrapassarem suas capacidades em suportá-lo, o bebê tenderá a formar defesas do tipo falso self, como verdadeiras barreiras frente ao meio ambiente ou diante de seus impulsos vitais ameaçadores. Tais barreiras, assinala Naffah Neto (2007), seriam erigidas com o intuito de proteger o verdadeiro self frente às denominadas angústias impensáveis.

Clarificando ainda mais o modo como esse ambiente vem a falhar e articulando com as experiências ocorridas no espaço potencial, bem como a defesa psíquica correspondente, ensina Naffah Neto (2007, p. 232) que:

[...] um ambiente em excesso é um ambiente basicamente intrusivo, que se impõe à subjetividade do bebê, fazendo-o descobrir a alteridade num período em que não tem condições próprias para lidar com ela; esse é o tipo de ambiente que impede a criação do objeto subjetivo por meio de uma presença impositiva. Nesse caso, o falso self forma-se entre o self verdadeiro e o ambiente.

Outro modo do ambiente vir a falhar ocorre, explica o pesquisador, em razão da falta de cuidados que mantém o bebê exposto às ameaças de seus próprios instintos, como fome ou dores intensas, que nessa fase são experimentados como algo não próprio a ele e, “quando atingem um nível de intensidade excessiva, por um tempo também excessivo – são vividos como uma ameaça eminente de colapso” (Naffah Neto, 2007, p. 233). Nesse caso, esclarece o comentador, o falso self forma-se entre o self verdadeiro e os impulsos ameaçadores (Naffah Neto, 2007).

Ainda tecendo comentários sobre o intercâmbio entre as consequências dessas duas modalidades de falha ambiental sobre o bebê, expõe Naffah Neto:

[...] essas duas dinâmicas descritas de forma assim distinta têm apenas um cunho didático, nunca se realizando de maneira absoluta. Na verdade, o ambiente intrusivo também deixa, em algum nível, a criança à mercê dos impulsos vitais, já que impõe formas e padrões que pouco têm a ver com as necessidades reais do bebê: seu ritmo e tempo de mamadas, etc. De modo análogo, o ambiente que não atende às necessidades mínimas do bebê também acaba levando à criação de barreiras protetoras contra o ambiente, já que gera uma total desconfiança do bebê sobre o que pode esperar dele. Isso significa dizer que o falso self sempre se forma como uma barreira, em parte diante do ambiente, em parte perante os impulsos vitais ameaçadores, em maior ou menor grau (Naffah Neto, 2007, p. 233).

Prosseguindo em suas explicações sobre o surgimento das defesas do tipo falso self

diante das falhas ambientais, aponta Naffah Neto (2007) para a ocorrência de uma cisão entre os dois selves, para que somente assim a função protetora do falso self possa funcionar. Assim, explica o autor, “tudo aquilo que o falso self recebe como impacto, seja do ambiente ou dos impulsos vitais, não chega ao self verdadeiro ou chega intensamente filtrado, não podendo, pois, ser processado como experiência, ou sendo processado de maneira parcial e lacunar” (Naffah Neto, 2007, p. 233). Por fim, assinala Naffah Neto (2007) que a dinâmica básica dos pacientes borderline é definida por graus maiores desse tipo de cisão.

Diante desse tipo de dinâmica psíquica, ou seja, de um falso self, defende Naffah Netto (2007, p. 233) não se poder “falar de experiência, no sentido winnicottiano do termo, ou seja, como entrejogo, já que não existe mais nenhum self verdadeiro para interagir ludicamente com o ambiente”. Nesses casos, explica o pesquisador, “todas as aquisições se dão, primeiramente por mimetizações e, num segundo momento, por introjeções de traços ambientais, formadores da casca adaptativa e desconectada do ser próprio da criança” (Naffah Neto, 2007, p. 234). Desse modo, argumenta Naffah Neto (2007, p. 234) que, ao se adotar esse tipo de perspectiva levantada até aqui, “somente podem ser sentidos como reais os acontecimentos de vida que puderem ser processados pela experiência, o que quer dizer, pelo self verdadeiro, que habita a área do espaço potencial e se desdobra nos fenômenos transicionais”.

Assim, concluindo seus comentários acerca do emprego da noção de experiência no pensamento winnicottiano, postula Naffah Neto (2007) que esta acaba por assumir na obra do psicanalista inglês o estatuto de conceito diferencial entre a sanidade e a loucura, discriminando a constituição de psiquismos verdadeiros, possibilitados pela presença de um ambiente suficientemente bom e admitindo o uso de defesas normais/neuróticas, da produção de psiquismos falsos, decorrentes de falhas ambientais e constituídos pelas chamadas defesas esquizofrênicas, nas quais o falso self cindido se inclui.

3.4 Uma clínica da experiência

Outro modo de compreensão da noção de experiência no pensamento winnicottiano pode ser verificado quanto aos seus desdobramentos clínicos, uma vez que esse conceito opera “mudanças tanto teóricas quanto práticas na compreensão do método de tratamento psicanalítico” (Fulgêncio, 2011, p. 60). Nesse sentido, é possível afirmar, com bastante respaldo teórico, que a clínica winnicottiana pode ser compreendida como uma verdadeira clínica da experiência, sendo esta “o fator preponderante para transformar os pacientes na direção da conquista da saúde” (Fulgêncio, 2011, p. 60).

Para sustentar essas afirmações, em seu artigo intitulado *A importância da noção de*

experiência no pensamento de D. W. Winnicott articula Fulgêncio (2011) certas ideias de Winnicott que evidenciam o modo pelo qual a experiência permeia sua clínica, iniciando pela menção ao brincar como experiência que permite o encontro com o si mesmo, passando pelas orientações do psicanalista inglês acerca da preparação das condições ambientais para que experiências como essas possam ser feitas no processo analítico, desde que a confiabilidade ambiental e a possibilidade de depender desse ambiente estejam presentes, apresentando, também, certas recomendações quanto ao uso adequado da técnica interpretativa, e, por fim, comentando as características de uma clínica voltada para pacientes que vivenciaram um colapso em suas vidas mas que, em razão de sua imaturidade à época do evento traumático, não puderam experimentá-lo, passando a temer um tipo de loucura que na, verdade, já ocorreu.

Acerca do primeiro tópico, trazendo reflexões winnicottianas sobre a experiência do brincar, destaca Fulgêncio (2011) sua importância para o surgimento do si-mesmo, resultado de uma ação espontânea e criativa no mundo. Comenta o pesquisador que “Winnicott dirá que é justamente na experiência do brincar que se encontra a si mesmo” (Fulgêncio, 2011, p. 60). Nas palavras do psicanalista inglês, citadas pelo comentador: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (Winnicott *apud* Fulgêncio, 2011, p. 60).

Fulgêncio (2011) refere que, para Winnicott, o brincar é importante não só pelos conteúdos que expressa, mas em si mesmo, como uma ação criativa do self e um modo de ser no qual a ação criativa de brincar estabelece um modo de relação com o mundo criado e encontrado pelo self. Portanto, assevera o pesquisador que a pessoa a quem estamos tentando ajudar necessita de novas experiências do brincar para que, somente assim, encontre a si mesma, estando aí um dos objetivos centrais da clínica winnicottiana (Fulgêncio, 2011).

Nesse sentido, explica o comentador que aqueles que tiveram problemas nesse encontro de si mesmos e procuram ajuda não seriam curados apenas com nossas explicações, ainda que precisas quanto às origens da desconexão com o si mesmo, bem como em relação ao caminho para sua reconexão, mas unicamente pela facilitação de experiências criativas capazes de produzir tais reencontros, desta vez realizados num ambiente especializado (Fulgêncio, 2011). Assim, aludindo a um dos sentidos da noção de experiência presentes na clínica winnicottiana e esmiuçando suas características, cita Fulgêncio passagem do próprio autor afirmando que “a experiência é a de um estado não-intencional, uma espécie de tiquetaquear, digamos assim, da personalidade não-integrada” (Winnicott *apud* Fulgêncio, 2011, p. 60).

Destaca Fulgêncio (2011) que, diferenciando-se do método tradicional de tratamento psicanalítico, orientado para elaborar o passado recalado e produzir resignificação, o processo analítico winnicottiano colocaria a experiência como elemento necessário ao processo de cura, buscando facilitar novas experiências existenciais ao longo do tempo. Nesse sentido, marcando a diferença entre essa proposta clínica e a psicanálise tradicional, explica o pesquisador que:

Não se trata apenas (como pensava Freud) de fazer com que o paciente possa rememorar suas experiências passadas, completando as lacunas da sua memória, e dando outra significação àquilo que foi vivido. Para Winnicott, não é a compreensão verbal ou intelectual, mesmo que acompanhada de afeto, que possibilita ao paciente colocar-se a caminho de encontrar a si mesmo, mas tão-somente a realização de certas experiências no presente, sustentadas pelo setting analítico (ou seja, pela relação humana que a situação analítica pode proporcionar), que tornarão possível chegar, por si mesmo, ao encontro de si mesmo, nessa relação com o analista (Fulgêncio, 2011, p. 61).

Para que tais experiências possam ocorrer, lembra Fulgêncio das recomendações de Winnicott no sentido de “ser necessário um longo caminho de preparação das condições ambientais, em especial tudo aquilo que diz respeito à longa tarefa de constituição da confiabilidade ambiental e da possibilidade de depender desse ambiente, ou seja, do analista” (Fulgêncio, 2011, p. 61). Ainda comentando essa fase inicial do tratamento, adverte Fulgêncio (2011, p. 61) quanto ao uso das interpretações por parte do analista, compreendidas, neste caso, “como verbalizações sobre a conscientização nascente em termos de transferência” e sendo necessárias apenas para criar as condições necessárias para que o paciente possa, então, adentrar às outras duas fases do tratamento. Sobre tais fases, Fulgêncio cita o próprio Winnicott, que declara:

Segue-se então uma longa fase [a segunda fase] em que a confiança do paciente no processo analítico acarreta todo tipo de experimentação, começando o paciente a ver como natural o sentimento de existir por si mesmo. Na terceira fase o ego do paciente, agora independente, começa a se revelar e afirmar suas características individuais, começando o paciente a ver como natural o sentimento de existir por si mesmo (Winnicott *apud* Fulgêncio, 2011, p. 61).

Aludindo aos problemas que podem ser gerados pelo mau uso da técnica interpretativa, refere Fulgêncio (2011) passagem em que Winnicott se lamenta por ter evitado muitas mudanças ao interpretar seus pacientes em tempo inoportuno:

Só recentemente me tornei capaz de esperar, e esperar, ainda, pela evolução natural da transferência que surge da confiança crescente do paciente na técnica e no cenário psicanalítico, e evitar romper esse processo natural, pela produção de interpretações. Refiro-me à produção de interpretações e não às interpretações como tais. Estarrece-me pensar quanta mudança profunda impedi, ou retardei, em pacientes de certa categoria de classificação pela minha necessidade pessoal de interpretar. Se pudermos esperar, o paciente chegará à compreensão criativamente, e com imensa alegria [...] (Winnicott *apud* Fulgêncio, 2011, p. 61).

Segundo o pesquisador citado anteriormente, Winnicott percebeu que nos casos de pacientes que precisam regredir a um estado de dependência, a interpretação como desvelamento, feita pelo analista, era uma ação clínica que poderia ser inadequada. Assim, por mais que a interpretação oferecida pelo analista possa ser correta, nesses casos em que os pacientes precisam regredir à dependência para que possam encontrar seu verdadeiro eu, esse tipo de intervenção pode vir a atrapalhar tal encontro.

Ao final de seu artigo, Fulgêncio (2011) compartilha outra experiência descrita por Winnicott, bem como o manejo clínico a ela associado, que ocorre a alguns pacientes, gravemente enfermos, que passaram por uma vivência para a qual não estavam ainda maduros, ou seja, eles viveram algo, entretanto, como ainda não estavam propriamente constituídos como uma identidade unitária, simplesmente não puderam experienciar o que viveram.

Destaca Fulgêncio que, no artigo intitulado “Medo do colapso”, Winnicott “afirma que alguns pacientes temem viver um tipo de loucura que na verdade já ocorreu, um colapso já vivido, mas que não pôde ser experimentado” (Idem, 2011, p. 62). Em tais casos, aponta o pesquisador para as instruções de Winnicott quanto aos manejos clínicos recomendados, dadas as peculiaridades envolvidas:

Segundo minha experiência, existem momentos em que se precisa dizer a um paciente que o colapso, do qual o medo destrói-lhe a vida, já aconteceu. Trata-se de um fato que se carrega consigo, escondido no inconsciente. Este último aqui não é exatamente o inconsciente reprimido da psiconeurose, nem, tampouco, o inconsciente da formulação freudiana da parte da psique que se acha muito próxima do funcionamento neurofisiológico. Tampouco se trata do inconsciente de Jung, que eu diria ser todas aquelas coisas que se passam em cavernas subterrâneas, ou (em outras palavras) a mitologia do mundo, nas quais há um conluio entre o indivíduo e as realidades psíquicas internas maternas. Neste contexto especial, o inconsciente quer dizer que a integração do ego não é capaz de abranger algo. O ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal (Winnicott, *apud* Fulgêncio, 2011, p.62).

Explica Fulgêncio (2011, p. 62) que o que fica em suspenso não seria um conteúdo, mas algo que “ainda não foi experienciado, algo que ficou, por assim dizer, congelado à espera de melhores condições ambientais e pessoais para ser, então, experienciado e integrado à personalidade total do paciente”. Nas palavras do psicanalista inglês, citadas pelo comentador, por conta dessa experiência não vivida, “o paciente tem de continuar procurando o detalhe passado que ainda não foi experienciado, e esta busca assume a forma de uma procura deste detalhe no futuro” (Winnicott, *apud* Fulgêncio, 2011, p.62).

Diante desses casos e colocando a experiência no centro do seu método de tratamento, Winnicott comenta:

No exemplo mais simples possível, uma pessoa que está sendo analisada consegue corrigir uma experiência passada, ou uma experiência imaginária, ao revê-la em

condições simplificadas nas quais a dor pode ser tolerada porque está sendo distribuída ao longo do período de tempo; tomada, por assim dizer, em pequenas doses, num meio ambiente emocional controlado. Como vocês bem podem imaginar, na prática concreta raramente existe algo tão descomplicado como isso, mas o contexto principal pode legitimamente ser descrito desta maneira (Winnicott, *apud* Fulgêncio, 2011, p.62).

Assim, afirma Fulgêncio (2011) que a maneira como Winnicott concebe os objetivos do tratamento psicanalítico leva-o a ponderar que o paciente não precisa apenas rememorar e ressignificar seu inconsciente recalado, mas passar por novas experiências inter humanas que permitam a integração num si mesmo como uma pessoa inteira. Por fim, conclui o pesquisador (Fulgêncio, 2011) que a experiência do brincar, em si mesma, assim como a possibilidade de integração de um passado que não foi possível de ser experienciado são novas modalidades da experiência que não são redutíveis ao trabalho de elaboração relativa ao inconsciente recalado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas reflexões apresentadas, percebe-se que a noção de experiência na obra de Winnicott pode ser tomada sob diferentes perspectivas, conforme o enfoque realizado por cada pesquisador. Ademais, compreendendo-se essa noção dentro do contexto global do pensamento winnicottiano, intervenções clínicas transformadoras podem ser alcançadas.

Com didática e de forma explicativa, Winnicott fornece orientações precisas para intervenções capazes de facilitar certas experiências indispensáveis ao amadurecimento saudável dos indivíduos, assim como ao tratamento de estados patológicos ambientalmente produzidos. Assim, além de esperança, Winnicott fornece meios teóricos e práticos aos terapeutas interessados em viabilizar processos que contribuam para o nascimento de vidas que valham a pena serem vividas.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Tales. **Winnicott: experiência e paradoxo**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. **Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos**. Psicologia em Revista, v. 26, n. 1, p. 83-102, 2020.

FULGENCIO, Leopoldo. **A importância da noção de experiência no pensamento de DW Winnicott**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 28, p. 57-64, 2011.

LOPARIC, Zeljko. **De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática**. Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana, 8 (Especial 1), 21-47, 2006.

NAFFAH NETO, Alfredo. **A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise**. Natureza humana, v. 9, n. 2, p. 221-242, 2007.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Winnicott: uma psicanálise da experiência humana em seu devir próprio**. Natureza humana, v. 7, n. 2, p. 433-454, 2005.

PINTO, Elizabeth Batista. **A pesquisa qualitativa em psicologia clínica**. Psicologia USP, v. 15, p. 71-80, 2004.

SOARES, Simaria de Jesus. **Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo**. Revista Ciranda, v. 3, n. 1, p. 1-13, 2019.